

A MEMÓRIA DISCURSIVA: REFLEXÕES A PARTIR DE BAKHTIN E DA ANÁLISE DE DISCURSO

(The discursive memory: reflections supported by Bakhtin and the discourse analysis)

Jerto Cardoso da Silva¹
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

ABSTRACT

This paper presents and discusses some of Bakhtin's ideas, articulated with concepts and notions from the French Discourse Studies, particularly Pêcheux and his contemporary thoughts on the Discourse Analysis. The goal is to demonstrate conceptually, approximations and divergences between Bakhtin and the Discourse Analysis Theory that assists in constructing the idea of discursive memory. Furthermore, the paper presents evidence on the overlapping and intertwining of this concept and notions of language, subject and meaning.

Keywords: Discourse Analysis. Mikhail Bakhtin. Discursive Memory. Meaning

RESUMO

Neste trabalho são apresentadas e discutidas algumas noções de Bakhtin articuladas com as noções formuladas pela teoria da Análise de Discurso francesa. Estamos nos referindo, especialmente, a Pêcheux e os seus desdobramentos contemporâneos da teoria do discurso. O objetivo é mostrar as aproximações e divergências conceituais entre Bakhtin e a Análise de Discurso que nos ajudam a construir a noção de memória discursiva. Além disso, demonstra como a compreensão dessa noção está imbricada nas noções de língua, sujeito e sentido.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Mikhail Bakhtin. Memória Discursiva. Sentido.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho surge da necessidade de articular e entender alguns conceitos de Bakhtin que, numa leitura mais casual, se entrelaçam e até se confundem com as noções formuladas pela teoria da Análise de Discurso francesa. Estamos nos referindo, especialmente aos estudos realizados por Pêcheux e os seus desdobramentos contemporâneos. Numa leitura atenta, podemos perceber alguns pontos de distanciamento e outros de aproximação entre Bakhtin e a Análise de Discurso, doravante AD. Esse contraponto, entre alguns conceitos postulados por Bakhtin e Pêcheux, possibilita uma reflexão sobre os deslocamentos efetuados pela AD que nos ajudam a construir a noção de memória discursiva. Além disso, demonstra como a compreensão dessa noção está imbricada nas noções de língua, sujeito e sentido em AD.

Narzetti (2012) salienta que a tendência francesa da AD, nos anos 60, era composta por distintos grupos, tais como de Dubois; Marcellise; Gardin e Guespin que se aproximam das ideias de Bakhtin e o tomam como um de seus precursores, o de Foucault que não recorria

¹ Professor-pesquisador da UNISC-RS, docente do Departamento de Psicologia. Doutorado em Letras pela UFRGS. Líder do grupo Processos clínicos, modos de subjetivação e políticas públicas e pesquisador do grupo Linguagem e cognição - UNISC.

a ele e o de Pêcheux que o recusa suas ideias nos anos 70, mas que posteriormente, nas releituras de Authier-Revuz, elas são apropriadas.

Na perspectiva desse trabalho, ratificamos que a constituição da AD tem as suas condições de produção (FERREIRA, 2001; MAINGUENEAU, 2000) não sendo, de modo algum, um bloco homogêneo de ideias e conceitos. Portanto, as leituras da obra de Bakhtin e do círculo bakhtiniano produzem efeitos diversos nos trabalhos dos grupos da AD francesa, pois estamos nos referindo a dois momentos teóricos distintos, na década de 1960-70, no qual temos uma rejeição inicial por parte do grupo de Pêcheux e uma incorporação pelo grupo de Marcellesi e, nos anos 80, releituras pelo grupo de Pêcheux (NARZETTI, 2012). Por isso, pretendemos não justapor os seus conceitos, mas marcar alguns pontos de aproximação possíveis e, a partir deles, traçar os seus deslocamentos e distanciamentos. Esses dois teóricos, Bakhtin e Pêcheux, têm em comum a sua paixão pela palavra, a crítica à linguística canônica, a filiação ao materialismo, embora o concebendo de forma muito diversa, e a coragem de formular suas ideias inovadoras dentro dos estudos da linguagem. Bakhtin produz na antiga União Soviética, em pleno terror stalinista, sofrendo perseguições, sendo preso inclusive; no entanto, mantém-se calcado numa concepção de mundo ancorada no marxismo. Pêcheux, décadas após, na França, diante da turbulência teórica provinda do estruturalismo e do ressurgimento das ideias de Freud e Marx, produz e movimenta grupos teóricos que pensam e tentam uma nova articulação entre as teorias psicanalíticas e as marxistas através das leituras althusserianas.

Refletir sobre as confluências entre a psicanálise, o marxismo e a linguística sempre foi um desafio que lançou os seus pensadores numa dimensão complexa e num lugar incômodo frente ao emaranhado teórico e de resistências de colegas, companheiros/camaradas, discípulos e pesquisadores. As primeiras tentativas foram desastrosas: formaram-se blocos a favor e contra como, por exemplo, os denominados de freudismo e antifreudismo na época de Bakhtin; e, posteriormente, surgiram novos movimentos de reflexão e articulação entre a psicanálise e o marxismo, como o dos althussero-lacanianos no qual Pêcheux se inseriu. Esse movimento não buscava mais justaposições, mas releituras possíveis e deslocamentos necessários que se implementaram graças às releituras de Lacan a respeito da psicanálise e da linguística, de Althusser sobre o marxismo (DOSSE, 1993), além dos deslocamentos realizados pelo próprio Pêcheux.

Percorreremos a seguir alguns entendimentos sobre língua, memória, signo, ideologia e memória discursiva em algumas obras de Bakhtin e de Pêcheux e seus possíveis contrapontos e desdobramentos, cotejando com a noção de memória discursiva. Há uma

distinção radical na forma como esses autores concebem a memória. Na linha da AD, não mais como um processo apenas consciente ou da inteligência, como é apresentado por algumas teorias, mas como algo que também escapa ao sujeito e lhe constitui. Salientamos ainda que, quando nos referimos a Bakhtin, estamos nos referindo ao círculo bakhtiniano, pois há na literatura uma discussão acirrada sobre a questão de autoria dos seus textos. Pêcheux e Bakhtin se posicionam distintamente em relação a Saussure e suas teorizações linguísticas, as questionando.

1 LÍNGUA

Tomamos como ponto de partida, a concepção de língua em Bakhtin e na AD, mas para isso, precisamos retomar Saussure, pois é a partir do mestre genebrino, mais precisamente da sua concepção de língua que Bakhtin e Pêcheux fundamentam a sua crítica e reformulações. Além disso, como as noções psicanalíticas atravessam a noção de língua e são marcas diferenciais que distingue a concepção de Pêcheux da de Bakhtin, é necessário, então, fazer ao longo desse tópico alguns esclarecimentos.

Saussure (2000) postula a sua concepção de língua e, conseqüentemente, constrói um objeto científico para a linguística que se tornará, posteriormente, entre as ciências humanas, um marco e uma ciência piloto. Desencadeia, assim, um movimento no qual outras áreas, como a psicanálise lacaniana, encontrarão um novo fôlego e, conseqüentemente, transformações. A língua, segundo Saussure, não pode ser reduzida a uma nomenclatura, como vinha sendo tratada até então; é de natureza social, mas uma concepção de social muito próxima a uma coletividade de indivíduos; homogênea, constituindo-se de um sistema de signos, ou seja, que esse não contém impurezas como as advindas da fala ou do sujeito. Ratifica a sua posição de exclusão do sujeito ao apontar a língua como um sistema distinto da fala que, portanto, é forma e não substância. Saussure é pontual, em alguns momentos, quando se refere à fala, nos dizendo que a língua é a linguagem menos a fala, pois somente a língua parece ser suscetível de uma definição autônoma. Com isso, prossegue dizendo, separa-se o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. Em contrapartida a essas afirmações, encontramos tantas outras nas quais Saussure se pergunta sobre a pertinência dessa disjunção, questões essas que, no frenesi científico, foram tamponadas pela ortodoxia dos seus discípulos. Saussure diz que foi “necessário escolher entre a língua e a fala” (p.114), pois é na fala, e conseqüentemente no sujeito, que se encontra “o germe de todas as modificações” (p. 115). Faltou a Saussure uma retomada das questões da fala, o que,

certamente, dizem que faria se tivesse prosseguido com o seu Curso de Linguística Geral (C.L.G.). No entanto, muitos dos seus discípulos seguiram na linha de exclusão de tudo que julgavam exterior à estrutura ou ao sistema de signos linguísticos. Décadas mais tarde, o linguista Benveniste (1995) foi, dentre os discípulos saussurianos, um dos primeiros a retomar a questão do homem na língua.

Antes de Benveniste, em 1929, eram publicadas, na antiga União Soviética, as reflexões de Bakhtin e de seu círculo de amigos. Bakhtin produz seus textos à luz de um materialismo histórico que, em alguns momentos, beira a um reducionismo, uma ortodoxia (BOTTOMORE, 1993), pois desconsidera qualquer possibilidade que escape a um empirismo seja biológico seja social, pois esse é pensado enquanto realidade concreta. Portanto, não toma Saussure como um marco, pois para ele, a língua é um fenômeno histórico, isto é, como uma superestrutura e como um acontecimento de classe, relacionada à ideologia, um exterior que constituído socialmente para o interior (consciência individual) (NARZETTI, 2012).

A noção de social para Saussure fica próxima a um conceito de coletividade, a um agrupamento de indivíduos. Para Bakhtin, está atrelada a relação humana de comunicação, relações intersubjetivas, na qual a linguagem é um veículo de comunicação e o social é uma realidade homogênea ou dividida em classes. Em Pêcheux, o social é o efeito das relações dos sujeitos enraizado nas condições materiais da existência, mas entram em ação as relações imaginárias (inconscientes), deslocando o social empírico, para as condições de produção. Não há uma relação direta com a realidade, mas mediada pela linguagem, que é constitutiva e não apenas meio de comunicação do sujeito. No seu livro sobre marxismo e filosofia da linguagem, encontramos Bakhtin refletindo sobre questões de linguagem e de política. Embora tenhamos discussões sobre a autoria dos textos publicados nessa obra, observamos o retorno dessas questões em outros textos de Bakhtin e da manutenção das ideias iniciais, talvez com menos ortodoxia em relação à linguística. Salientamos que as críticas feitas por Bakhtin a Saussure não desconsideram a sua obra, mas redimensionam a língua no campo da linguagem como um campo em constante transformação e devir, reflexo da situação social e das relações sociais.

Bakhtin (1992) não está preocupado com um “empirismo fonético superficial” (p.69), no entanto, o seu foco de preocupações gira em torno da “natureza semiótica e ideológica” (p.70), especialmente, a dimensão da relação social. Para tanto, estabelece um esquema comparativo nos estudos feitos até então sobre a linguagem e que, certamente, o guiará nas suas críticas tanto à psicanálise freudiana quanto à linguística saussuriana. Apresenta-nos, então, duas orientações principais: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. No

subjetivismo idealista, encaixa a teoria psicanalítica ao lado de outras abordagens psicológicas distintas dessa; pois, segundo ele, encontramos, como pressupostos centrais da psicanálise um interesse por um ato de fala que é uma criação individual e tem em suas leis no fundamento da língua, reduzindo-se a um ato racional, tendo um sujeito centrado e origem do dizer. O que é, no nosso entender, é um equívoco do autor. Bakhtin (2001) inclui a psicanálise nesse quadro porque faz uma leitura muito particular sobre o inconsciente freudiano, noção burguesa, no seu entender, idealista e subjetiva. Temos em *O Freudismo* (2001) uma de suas leituras da obra freudiana profundamente marcada por um anti-idealismo quase ortodoxo, transformando o inconsciente em uma segunda consciência, como se fosse a sua matriz invertida. Com isso, Bakhtin (2001) liquida com um dos conceitos fundamentais da psicanálise e o descarta. Parece aqui estar sendo muito influenciado pela leitura soviética da psicanálise feita, seja pelos antifreudianos que simplesmente o ignoram, seja pelas linhas freudo-marxistas que o consideram, mas o reduzem a um automatismo organicista ou biologicista, quando tentam embuti-lo nas concepções da reflexiologia russa. A reflexiologia é uma corrente da psicologia que se associa ao pavlovismo, uma espécie de psicologia fisiológica que desenvolve um método de condicionamento dos reflexos, pensado, inicialmente, de forma individual que, após 1917, transfere os seus achados para os estudos da coletividade, tal como poder condicionar e modificar os homens em conformismo com as normas sociais a partir da sua fisiologia, alterando o seu cérebro – uma ciência do cérebro materialista (ROUDINESCO; PLON, 1988).

Bakhtin é, então, um antifreudiano, e essa tomada de posição vai levá-lo a uma posição frente à língua que não considera o inconsciente e, portanto, as falhas, equívocos, as faltas constitutivas da língua. Em Bakhtin a língua é concebida do mesmo modo que a história da sociedade, articulada e não estanque, não sendo autônoma e independente e de natureza ideológica, fenômeno puramente histórico que contempla fatores extralinguísticos (NARZETTI, 2012). Quanto à linguística saussuriana, Bakhtin (1992) a enquadra no objetivismo abstrato, pois o centro, o essencial quanto aos fatos da língua é a sua unicidade normativa, com suas leis imanentes e específicas, “irreduzíveis a leis ideológicas” (p. 79). Ressalta que a língua tem a sua história, e a abordagem saussuriana faz uma cisão entre “a lógica do sistema linguístico e a lógica da evolução histórica” (p.80). Bakhtin centra a sua crítica a Saussure na concepção de um sistema constituído de “uma lógica interna ao próprio sistema de signos que é independente das significações ideológicas” que a eles se liga (p.83). Critica, ainda, a distinção saussuriana entre língua e fala e a perspectiva saussuriana de que “a história seria um domínio irracional que corromperia a pureza do sistema lógico linguístico”

(p.88). Para Bakhtin, a história não é ilógica, pois se constitui num quadro evolutivo. Mas uma das contribuições mais decisivas do autor é o resgate da dimensão interacional na língua, na qual os locutores não são excluídos, pelo contrário, participam ativamente, trabalham com a língua, pois são dotados de “livre arbítrio” (p.88), de consciência. Aqui estamos diante de uma distinção fundamental entre os teóricos: em Pêcheux o sujeito, quando interpelado, o é de forma inconsciente, e em Bakhtin o toma numa perspectiva consciente, rejeitando a noção de inconsciente.

Bakhtin trabalha com sistemas lógicos e locutores conscientes e, em alguns momentos, esbarra nas suas próprias críticas, pois ao centrar-se na consciência, mesmo que essa seja social, recai numa forma de idealismo subjetivo. Cabe salientar que a teoria marxista não pretendia negar a existência ou a causa das ideias, como o materialismo reducionista apregoa, mas a sua autonomia e o primado explicativo do mundo atribuído a elas. Portanto, essa teorização aponta que a essência humana está nas relações sociais, não negando a existência de individualidades, singularidades e particularidades, mas as considera na magnitude e no primado das redes de relações sociais (BOTTOMORE, 1993). Na obra bakhtiniana, encontramos uma posição frente ao conceito de língua atrelado as estruturas e as mudanças sociais que o determinam, desconsiderando as formulações saussurianas e as ampliando e marcando uma ruptura, propondo uma nova concepção de língua, pois a “linguística está voltada para o estudo da enunciação monológica isolada, desenvolvendo-se nos limites da enunciação relações imanentes no interior da enunciação, sendo o exterior excluído” (BAKHTIN, 1992, p. 104). Bakhtin propõe uma concepção de língua que não é composta apenas por um sistema estável de formas normativas idênticas como pensa Saussure, mas por ser um processo de evolução ininterrupta que se realiza através da interação verbal, social dos locutores, e que não pode estar estabilizada no interior de um sistema lógico nem ser compreendida independente dos conteúdos e valores ideológicos, pois possui uma “estrutura puramente social” (1929, p. 127).

No entanto, quando lemos Bakhtin (1981) em Problemas da poética de Dostoievski, observamos que o autor pondera sobre a concepção de língua de Saussure, mas acrescenta o conceito de discurso que seria a “língua em sua integridade concreta e viva” e não a língua como objeto específico da linguística (p. 157), pois essa extrapola o seu limite. De forma geral, as suas análises são metalinguísticas ou translinguísticas – ultrapassam as fronteiras impostas pelas análises linguísticas no estudo do discurso. Isto é, “complementam-se mutuamente, mas não se justapõem” (p. 157). Na análise do seu objeto de estudo, o romance polifônico, o que está em pauta é o “ângulo dialógico que não pertence ao campo puramente

linguístico” (p. 158). As relações dialógicas, acrescenta o teórico, são objetos da metalinguística, pois “são impossíveis entre os elementos no sistema da língua” (p. 158), portanto, são extralinguísticas e irreduzíveis às relações lógicas ou às relações concreto-semânticas, embora sejam “absolutamente impossíveis” sem essas (p. 159). As relações dialógicas devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. O foco principal do estudioso é o “discurso bivocal” (p. 160). No discurso bivocal (discurso-arte: estilização, paródia, *skaz* e diálogo cotidiano), encontramos uma dupla orientação da palavra, ou seja, para o objeto do discurso, enquanto palavra linguística e para um outro discurso. “Discursos duplamente orientados que levam em conta o discurso do outro” (p.160). E no discurso monológico (abordagem estilística e linguística), o discurso é definido em relação ao seu objeto ou em relação às outras palavras do mesmo contexto e quando esse é considerado, “é um contexto da língua e não do discurso” (p.161). Ainda nos diz que “nas relações dialógicas, as palavras não podem encontrar-se lado a lado, mas tocar-se internamente, ou seja, entrar em relação significativa” (p.163).

Em contrapartida, embora Pêcheux não se restrinja ao funcionamento formal da língua, ele a considera, o discurso é afetado pelas relações e mudança sociais, mas não a língua como em Bakhtin. Portanto, nomeia-se de interdiscurso, pois não se trata mais de dois locutores empíricos, materialmente constatáveis, transcendendo, dessa forma, a relação dialógica, ao semelhante, e se transpõe para a relação do sujeito com o mundo com a exterioridade, com o Outro (inconsciente) que embora separado dele o constitui e o sobredetermina. Orlandi (1998) redimensiona esse conceito laciano no âmbito da AD, dizendo que o outro é o interlocutor efetivo ou virtual e o Outro é a historicidade, concebida sob a forma de interdiscurso (p. 74).

Segundo Bakhtin (2000), “o papel do outro, quando levado em consideração, nos estudos linguísticos, é como um destinatário passivo” (p. 290). “De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota, simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa” (p. 290). Cedo ou tarde, “o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (p. 291). Dessa forma, a sua teoria estabelece para os locutores um lugar ativo no campo do discurso, dotados de consciência social e muito centrados nessa. Destaca a relação entre eles como ponto central de análise, mas uma relação muito vinculada a uma empiricidade própria a sua posição ortodoxa materialista.

Já na perspectiva de Pêcheux, com o seu sólido conhecimento de linguística, propõe uma teoria que permite pensar tanto questões ideológicas, quanto inconscientes no âmbito da língua. Essas teorizações de Pêcheux sobre a linguística vão redimensionar as questões sobre o sujeito, principalmente, no que concerne a relação desse com a língua, pois esta é impossibilitada dentro da imanência do sistema de signos saussurianos, isto é, na relação da língua com sua exterioridade. No entanto, não se trata apenas de uma exterioridade interacional como em Bakhtin, mas de uma exterioridade constitutiva da própria língua e inconsciente para o sujeito empírico.

Pêcheux (1981) retoma o C.L.G. de Saussure em vários momentos e formula várias críticas, em especial, a de se pensar a noção de língua como um sistema fechado, não afetado pela exterioridade, ou seja, a história e a ideologia que foram excluídas das formulações da ciência linguística saussuriana. Além disso, o sujeito e a sua fala não foram priorizados, ou melhor, foram relegados a um segundo plano, como resíduos não desejáveis ao sistema, como se a língua não fosse profundamente constituída por aquilo que os linguistas deixaram na sua exterioridade, fora do sistema de signos. Pêcheux (1988) resgata esse descarte, pontuando a dimensão ideológica e inconsciente como constitutiva da língua.

Orlandi (1995) retoma Pêcheux e nos esclarece com novas formulações o deslocamento efetuado por ele nas imbricações entre língua, ideologia e história. Para tanto, faz uma distinção entre ordem da língua e organização da língua. Segundo ela, a perspectiva discursiva do grupo de Pêcheux trabalha com a organização, mas não se limita a ela, pois reconhece na língua a sua materialidade e a sua história. Estabelece, então, “a ordem da língua, enquanto sistema significante material e a ordem da história, enquanto materialidade simbólica (p.45). A noção de materialidade nos remete às fronteiras da língua, pois ao se considerar a ordem simbólica, inclui-se nela a história e a ideologia” (p. 40). Ou seja, quando falamos em ordem da língua, estamos nos referindo ao seu funcionamento e não a sua normatização e a sua estabilidade, incluindo nela o real, a materialidade na sua forma mais bruta, na qual tudo não se pode dizer (injunção ideológica) e da impossibilidade de se dizer tudo (limite simbólico). Assim sendo, não se trata de uma língua neutralizada pelo logicismo, mas com espaços vagos, flutuantes e fugidios com lugar para o equívoco, para o ilógico, para o desregulamento, capaz de contradições, deslocamentos, como nos dizem Gadet e Pêcheux (1981).

Como vimos, Pêcheux e Bakhtin se distanciam nas suas concepções sobre a língua, no entanto, ambos apontam as exclusões feitas no C.L.G. como, no mínimo, reducionistas. Não podemos pensar a noção de língua em Bakhtin desvincilhada do âmbito da interação ativa dos

locutores e da possibilidade de dialogia no discurso desses; isto é, o discurso do outro, as suas diferentes vozes, podem compor o discurso do sujeito. Para Pêcheux, a língua é sempre constituída de interdiscurso e polifonia, mas, além disso, emerge da dimensão simbólica, real, histórica, ideológica, enfim, e diferentemente de Bakhtin, compõe-se de forma imaginária (inconsciente). Para ambos, a língua é profundamente heterogênea e complexa. Portanto, transpõe o sistema e chega ao discurso e aos efeitos de sentido que essa heterogeneidade pode gerar. Dito isso, podemos afirmar, então, que língua e memória se enlaçam. Em Saussure a memória pode estar vinculada ao sistema diacrônico, isto é, ao que não está presente no sistema, mas que pode ser acessado e substituir um dos elementos atuais no sintagma, isto é, na frase ou oração estudada. Em Bakhtin, associa-se à voz do outro que pode ser recuperada nos enunciados do sujeito e sua consciência. Para ambos, a noção de memória está muito próxima a algumas concepções psicológicas cognocentes na qual a memória é um armazenado de informações a ser processado pelo cérebro e repetida pelo sujeito. Em Pêcheux, uma nova noção de memória é formulada, e decorre dos seus deslocamentos efetuados na noção de língua; uma vez que essa dá acesso ao discurso. Portanto, não falamos mais em memória, mas em memória discursiva.

2 LÍNGUA E MEMÓRIA

São necessários, como vimos, os deslocamentos formulados pela AD, para podermos falar em memória discursiva, mas na medida em que fazemos esses deslocamentos referentes à língua, redimensionamos, concomitantemente, noções como história, ideologia e sujeito. Não podemos, conseqüentemente, falar de memória sem pensar nessas noções como sendo indissolúveis. Para tanto, retornemos novamente às considerações de Saussure. Na concepção saussuriana, embora o conceito de memória não seja priorizado, poderíamos pensá-lo como uma capacidade cerebral para lidar com as normas e regras da língua. Para priorizar a noção de memória discursiva, Saussure teria que acentuar o estudo de outras noções como a da fala, de tempo e reformular a sua concepção sobre o sistema sincrônico. No entanto, Saussure pondera as suas afirmações sobre a língua, salientando que quanto mais carregada de complexidade, tanto mais necessário se faz estudá-la no eixo diacrônico, ou seja, o histórico da língua, a sua memória que está ausente, mas afetando o presente. Mas as suas teorizações o limitam e Saussure faz uma ressalva, dizendo que essa “complexidade nos impede de estudar, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema” (p. 96). Com isso, faz uma distinção entre os primeiros estudos linguísticos que se detinham nos estudos históricos, de caráter

evolutivo, que estudavam as mudanças linguísticas no decorrer do tempo, estabelecendo o famoso corte saussuriano, apontando o sistema e os estudos sincrônicos como essenciais ao conhecimento da língua.

Bakhtin (1992) lê Saussure e retoma o estudo da história, dizendo que “o sistema linguístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo histórico de uma determinada comunidade linguística. Em poucas palavras, a língua tem sua história” (p. 79). No entanto, encontramos um outro contratempo em Bakhtin, a sua noção de história está presa a uma continuidade evolutiva, etapas sucessivas de uma materialidade contextual, muito transparente e conscientemente identificável. Precisamos percorrer algumas décadas para podermos pensar, em uma noção de história que contenha descontinuidades e que apresente o movimento histórico constituído de faltas e falhas. Para tanto, também é necessário pensar numa materialidade histórica não capturável totalmente pela consciência social e de um sujeito que não se define pela sua empiricidade, mas como uma posição que se constitui entre tantas outras e em diferentes discursos numa relação impregnada de memória discursiva, compondo-se em função de uma formação discursiva e dessa em relação aos demais discursos. A formação discursiva (FD) é uma noção fundamental e diferencial entre Bakhtin e Pêcheux. Em Bakhtin, o sentido é visto como um elemento material embutido no signo, na palavra, o sentido só se constrói na relação dos sujeitos. O signo é impregnado ideologicamente, tendo o mesmo sentido para todos os sujeitos, pois, é a palavra que é ideologizada e não o sujeito. Em Pêcheux, o sentido não está posto, mas é regulado por uma rede de formulações que conduz, de forma relativa, a direção dos sentidos. O sujeito inscreve-se nessa rede, liga-se a ela, sem dar-se conta e, a partir disso, articula a língua, tomando-a como transparente. A FD constitui a regularidade dos sentidos nessa rede de formulações na qual o sujeito se posiciona, isto é, segue uma das direções do sentido. Numa FD, podemos perceber uma regularidade na organização da rede de formulações, uma forma-sujeito, isto é, uma forma que representa o sujeito universalmente, um saber não sabido por esse e que conduz os saberes dentro dessa FD; quanto mais próximo dessa regularidade, mais plenamente se diz que o sujeito se filiou à formação discursiva, podendo inclusive chegar a um ponto de se desidentificar e, automaticamente, se inscrever em uma outra. Partindo dessa constatação, podemos avançar, trazendo as contribuições de Courtine (1981), inspirado por Pêcheux, quando refere que no interior de uma FD, há uma diversidade de posições e que o sujeito pode se vincular a redes de formulações e de posições fortemente heterogêneas. Retomaremos essas noções no seguimento deste estudo.

Esses questionamentos apresentados até aqui sobre a noção de língua e os deslocamentos efetuados por Bakhtin e, posteriormente, por Pêcheux nos permitem pensar em memória no âmbito discursivo. Para tanto, é preciso então tomar a língua não mais como pensada pela linguística, enquanto lugar de transparência, sem lugar para opacidades e constituída de sentidos literais, sem possibilidade de desdobramentos. Por isso, precisamos ver, como Bakhtin, a língua não mais composta de uma unicidade homogênea, mas de heterogeneidade linguística. Caso contrário, nos perderíamos dentro de um sistema hermético e esterilizado proposto por uma linguística ortodoxa. No entanto, mesmo em Bakhtin essas formulações são conduzidas de maneira muito cautelosa e, talvez sancionadas por uma lógica mecanicista de fundo materialista, escorregando nas próprias críticas que faz a outros modelos linguísticos. Pêcheux vai trabalhar a língua, abrindo um espaço para o sujeito, priorizando o histórico, mas destituindo-o desse tom empírico apregoado em Bakhtin, pois o sujeito é constituído na sua relação imaginária, ocupando um lugar discursivo numa formação discursiva, filiando-se e identificando-se com uma rede de enunciação e formulações, não de maneira consciente, mas interpelado e sobredeterminado pela ideologia e pelo inconsciente. Além disso, os sentidos que se enlaçam na língua não são, *a priori*, literais, somente parecem ser, pois estão inscritos numa FD. Na FD, o sujeito toma os sentidos como evidentes, mas esse efeito de evidência é ideológico no interior dessa, os nós da rede se tensionam, mas podem se estabilizar, dando a sensação de coesão absoluta, camuflando o risco sempre presente de ruptura, de falhas, de equívocos, pois o sentido sempre pode ser outro como nos diz Pêcheux (1988). Pêcheux (1997) se lança a uma proposta cada vez mais contundente de oposição a qualquer tipo de inatismo frente à linguagem e a “um sujeito intencional como origem enunciativa do discurso” (p. 311). Cedo ou tarde, o sujeito articulador estrategista, vacila e deixa mostrar fagulhas do seu assujeitamento. Pêcheux (1981) faz contínuas reformulações sobre as noções do sujeito e de língua, mantendo os acentos iniciais de sua teorização; reformula a noção de língua dotando-a de uma autonomia relativa, pois está submetida à ordem histórica e da própria língua. Pêcheux (1997) preocupa-se em poder conceber um processo de análise que congregue em um modelo em espiral, reuniões e dissociações de séries textuais, construções de questões, estruturação de redes de memória e de produções escritas, enfim que contemple estruturas e acontecimentos. A partir dessas considerações, podemos dizer que a memória discursiva não contempla apenas a dimensão do repetível, fazendo funcionar no intradiscurso, as transformações do mesmo: paráfrases. Além disso, aciona o discurso outro, outros sentidos, outros dizeres construídos em outros lugares e

do qual nada sabemos. Podemos, então, pensar a memória discursiva como a materialidade do interdiscurso no e para o sujeito do discurso.

3 SUJEITO

Antes mesmo de Pêcheux, alguns linguistas denunciaram a falta de uma linguística da fala e de se pensar o sujeito na sua relação com a língua. Depois de Saussure, Benveniste foi um dos primeiros linguistas estruturalistas a se preocupar com as questões sobre a subjetividade na linguagem, ou melhor, com a linguística da enunciação, da instanciação da fala. Assim como Bakhtin, Benveniste aponta a possibilidade de pensar o falante como compondo a língua. Benveniste demonstra que o sujeito está na língua e o faz através dos estudos dos pronomes, correlações de pessoalidade, modos, tempos verbais, enfim o sujeito se mostra na língua de forma tão triunfante que passa a ser o senhor do seu dizer, dominando a língua. Bakhtin não mantém com a língua saussuriana a mesma filiação, para ele a linguística não é um ponto de partida, pois é um fenômeno sempre em transformação reflexo da realidade. Benveniste critica, portanto, as noções saussurianas, e é através dos estudos e pesquisas literárias que desvela noções como a de dialogia, a presença do sujeito, em especial da interação social e ideológica constitutiva dos signos que compõem a língua. Pêcheux (1988) reafirma a “separação entre o pensamento e o objeto de pensamento, mas no âmbito de um impensado que pré-existe ao sujeito” (p. 102). A realidade material, em AD, é considerada como real, deslocamento da noção psicanalítica lacaniana, como o impensado que afeta a língua e os sujeitos. O sujeito não é mais consciente nem tem livre arbítrio, como afirma Benveniste ou Bakhtin, mas é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente via dimensão simbólica. Mas o simbólico, em Pêcheux, isto é, a dimensão da língua é afetada por elementos que estão no sistema linguístico, não se reduz ao sistema fechado dos signos, se abre para a exterioridade, constituída de alteridade, isto é, um exterior constitutivo do sujeito e da língua e inacessível a sua vontade. Portanto, a língua é afetada pelo real, por uma dimensão que não se explica pelo logicamente estabilizado, pelo sistema lógico formal elaborado pela linguística saussuriana. Podemos perceber, então, que a concepção de Bakhtin em relação ao sujeito e seu discurso é bastante distinto de Pêcheux. O sujeito, em AD, é descentrado e duplamente interpelado tanto pelo inconsciente quanto pela ideologia (PÊCHEUX, 1988). Diga-se de passagem, que esse é um dos grandes dilemas de marxistas e de psicanalistas: a sua aproximação teórica. Pêcheux assume o risco de considerá-la, não se propondo a fundir os conceitos numa única proposição, mas trabalhar a complexidade humana e,

consequentemente, social, não adotando uma posição unicausal, por isso, aponta que a ideologia e o inconsciente estão materialmente unidos na linguagem (PÊCHEUX, 1988).

Dessa forma, não podemos falar em memória discursiva a partir de um sistema que se fecha em si mesmo, sem aberturas para repetições, transformações e transmutações que geram o novo e o inusitado. Repensar o sujeito nos remete a uma nova maneira de ler a materialidade, e consequentemente, o marxismo. Quando mexemos nessa noção pagamos um preço: o de não poder nos ancorar em universos logicamente estabilizados, e é na complexidade da vida humana, nos seus discursos, e na materialidade que assola o ser e as práticas que nos embrenhamos enquanto analistas.

Diferentemente, Bakhtin (1992) trabalha a interação entre os interlocutores na língua marcando nos textos a dialogia, ou seja, a presença do outro no discurso do Um. Estes locutores estão no espaço social, vivendo a mesma realidade estrito senso, diante dos mesmos signos – palavras, compostos de ideologia. O sujeito é dotado de um grau de consciência que é adquirida na interação social, podendo estar livre o suficiente para se desvencilhar da ideologia dominante. É um sujeito, embora revestido socialmente, intencional e podendo, a partir da consciência social, controlar o sentido. Bakhtin (2002, p. 100) ressalta que “o falante povoa a palavra com sua intenção”, dominando-a através do seu acento. Bakhtin trabalha a luta de intenções no discurso.

Pêcheux não trabalha com o sujeito-falante-ideal, mas com um sujeito inscrito e filiado a uma rede de formulações que são produzidas em um lugar social. Não se dedicando ao contexto imediato, mas às condições de produção, estas condições enlaçam questões imaginárias, o real e o simbólico. Traz essas noções da psicanálise lacaniana e dá a elas o tom da AD. Portanto, não estamos mais falando de sujeitos nem de contextos sociais empíricos, mas de sujeitos constituídos pela língua e essa atravessada pelo histórico, pelo ideológico e pelo inconsciente. Esse sujeito funciona a luz de uma memória discursiva a qual ele retorna e que retorna nele. Como diz Pêcheux (1997), uma língua que comporta estrutura e acontecimento. Portanto, a AD formula questões que se vinculam as dialogias, interações, comunicações do sujeito com o outro, com os pré-construídos, e também, e sobretudo, a relação do sujeito com o interdiscurso, com a memória do dizer ou dos sentidos.

A memória discursiva se constitui nos discursos que, por sua vez, se produzem socialmente, isto é, a partir de seres humanos, assujeitados à ideologia e ao inconsciente, e que se inscrevem em lugares sociais, se tensionando numa rede de identificações-formulações produzidas e reproduzidas no interior de uma FD. Falar em memória discursiva é devir num ciclone espiralado, compondo-se numa dispersão de discursos que se decompõem e

recompõem contínua e descontinuamente, na qual as suas contradições e as suas heterogeneidades se postam sobre o sujeito e o abrandam na ilusão de ser um, ou seja, apagam essa necessária, mas insuportável dispersão de memórias e que dialeticamente compõem uma memória que se oficializa, imprimindo a ela uma direção, uma ideologia.

4 SIGNO, IDEOLOGIA E MEMÓRIA

Bakhtin (1992) abrange a sua concepção de ideologia ancorando-se no signo. Para ele, “tudo que é ideológico é um signo” (p. 31) e sem ele não existe ideologia. A ideologia tem, em Bakhtin, uma vinculação indissociável com a linguagem, “o ideológico é o signo investido de simbólico”, isto é, “revestido de sentido”. Acrescenta ainda que “a ideologia está situada no processo de interação entre consciências – no processo de interação social” (p. 34). O interesse de Bakhtin se volta, então, para o signo linguístico, isto é, a palavra por excelência. Em contraponto, para Pêcheux, a ideologia é o elemento que direciona o sentido de uma palavra-signo que é determinado pela formação discursiva. Pêcheux (1988), inspirado em Althusser, propõe uma noção de ideologia que consegue escapar das proposições reducionistas, dizendo que a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, pois é na medida em que esses são interpelados e constituídos como sujeito, que passam a interpretar o mundo se filiando a uma posição no sistema de relações de produção. Com isso, todos, inclusive os marxistas e cientistas são atravessados e constituídos em sujeitos ideológicos, com autonomia relativa. Além disso, para ele a realidade é sobredeterminada, não tem uma causa ou origem única, portanto, não é apenas de base socioeconômica. Althusser reconstitui a existência do ser mediada, isto é, entre o sujeito e o objeto real, há uma relação constituída de opacidades (ALTHUSSER, 1978).

Iluminado por essas idéias e pelas leituras de Foucault, Pêcheux propõe uma noção de formação discursiva que estampa de simbolismo e de direções de sentido, pois esse, as verdades que se constroem a partir dele, não estão dadas *a priori*. A ideologia não é algo exterior ao discurso do sujeito, mas constitutiva desse (Pêcheux, 1988), não há discurso sem a sua marca, nem mesmo o discurso científico ou marxista. Além disso, um outro diferencial de Bakhtin, está na ideologia não ser consciente, como também não é ocultação de uma verdade ou de uma realidade social monolítica, pois acreditava-se que de um lado há a verdade e de outro há a alienação. Em AD, como diz Orlandi (1998), não há ocultação de sentidos (conteúdos), ou seja, a ideologia não é um processo que cega os sujeitos diante da verdade,

mas que dissimula o processo de constituição no qual essa verdade se forja e esses sentidos se instalam.

Portanto, a memória em Bakhtin se constitui na interação; em Pêcheux, ela se constitui no efeito de sentido entre os sujeitos, não sendo mais da ordem apenas do sociológico. O discurso, em AD, é tecido a partir de uma dispersão de sentidos que ao se transpor para um FD, e se confrontar com a rede de formulações nela contida, são conduzidos, via formação ideológica que nela se gesta, numa direção e dotados de transparência, dando um efeito de totalidade a essa dispersão. Segundo Pêcheux (1988), a ideologia fornece as evidências de um sentido o dotando de transparência, pois o sujeito pensa que domina o que está sendo dito. A FD passa a ser palco onde se encenam tramas de discursividade sempre exposta a uma tensão entre outras tantas vias discursivas possíveis. Bakhtin aponta nessa direção, quando diz que “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (1992, p. 46). Em Pêcheux, a arena está na FD, não se tratando mais de luta de classes, pois essa ganha uma nova conotação, referindo-se a uma tensão, luta recorrente entre as diferentes posições assumidas pelo sujeito, não mais em lugares e classes distintas e separadas como em Bakhtin, mas dentro de uma mesma FD, dentro de uma mesma ideologia, agora heterogênea. Para Pêcheux, o discurso, sendo a face material da ideologia, constitui-se no âmbito da interpretação, da análise, enquanto para Bakhtin é a palavra-signo a unidade de análise.

Em Pêcheux, trabalha-se o a noção de memória constituindo o discurso. Isso faz com que o analista olhe para a formulação, o fio do discurso, não se detendo apenas na sua literalidade, mas a toma para chegar ao discursivo, ao ideológico, ao inconsciente, ao não dito daquela forma e não de outra, há outras vozes, contradições e equívocos. Enfim, todo dizer comporta opacidades que podem remeter a uma rede de formulações não explicitada, e podemos então tangenciar o interdiscurso, a memória do dizer. Certamente, retomando Pêcheux, não se diz tudo, e num tudo se pode dizer. Sabemos que nem o sujeito nem o analista acessam plenamente essa complexa rede de não ditos, assim como o sujeito consciente não acessa e domina todo complexo de seu dizer, permanecendo muito dele inacessível. No entanto, as análises discursivas têm nos mostrado que é no próprio dizer que muito dessa memória se mostra.

A noção de memória em Bakhtin parece, assim como o signo, entre os interlocutores, denotando uma transparente homogeneidade. Assim também eram as primeiras formulações no início das teorizações de Pêcheux (1969), mas Pêcheux logo se dá conta, e nos faz pensar então a memória discursiva não como a repetição do mesmo retornado no discurso do sujeito, mas de um retorno que não é mais o do mesmo, pois todo movimento discursivo esbarra na

continuidade-descontinuidade dos fluxos de sentido produzidos numa FD, através de posições que se tensionam no seu interior. As palavras e os sentidos no interior de uma FD são sensíveis a um exterior que lhe é constitutivo, ecos de outros sentidos, de outros discursos e a isso chamamos de memória dos dizeres ou dos sentidos - o interdiscurso.

Retornando Bakhtin (2000), em uma coletânea dos seus últimos trabalhos, aponta também para a heterogeneidade que constitui os sentidos, dizendo que os enunciados “são sulcados pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos” (p. 318) “refletindo o enunciado dos outros e, sobretudo, os elos anteriores, às vezes próximos, mas também os distantes” (p. 319). Embora o autor não trabalhe na dimensão discursiva, e aponte para uma dialogia muito próxima a uma empiricidade, a sua genialidade impulsiona a pensar o diverso no Um. No entanto, parece perceber os objetos do mundo de maneira material pura, como se houvesse uma relação linear entre objeto e língua, e não uma simbolização desses, um material que pode ou não se discursivizar. Para Bakhtin a realidade, um dado tomado *a priori*, parece ser sinônimo de materialidade. Em AD, a língua é constituída de exterioridade, de real e não de realidade, pois essa é uma construção e não uma representação consciente do mundo. O real da língua é o impensado da língua, lugar do não todo, o que escapa a qualquer nomeação e que remete ao equívoco (FERREIRA, 2001). No entanto, Bakhtin tangencia isso, dizendo que “é a pluralidade de acentos que dá vida à palavra” (p. 107). O discurso, segundo ele, “emerge de uma pluralidade e diversidade multidiscursiva” (p. 88), fazendo ressoar a voz do sujeito, essas diferentes vozes criam um fundo necessário para a sua própria voz e diríamos, a constituem. Bakhtin atrela a significação das palavras ao contexto imediato e histórico evolutivo, trabalhando na ordem social empírica. Em AD, não se trata de um encontro com o discurso do outrem, de uma interação, mas de uma discursividade que se entrelaça e se encontra na tensão de diferentes vozes e nelas se constitui. A partir disso, podemos dizer que em todo processo de constituição do sentido, há o encontro da memória com uma atualidade (PÊCHEUX, 1997), fazendo acionar a retomada de uma repetibilidade memorativa com os elementos de uma atualidade inscrita numa rede de formulações que possui uma historicidade, uma materialidade, que fundam sentidos que podem ser reiterados ou se tornar passíveis de serem outros, transmutando-se, transformando-se no encontro com esses pontos de eterna tensão e que imprimem, por sua vez, a manutenção do mesmo e/ou o devir de algo novo. Portanto, o sentido e a memória são efeitos desse complexo processo.

5 MEMÓRIA DISCURSIVA

É possível traçar uma diversidade de tipologias no estudo da memória. Reiteramos então que as pesquisas e estudos tendo como tema a memória discursiva marcam uma distinção importante na forma de pensar a memória não apenas como manifestação da consciência, dotando de transparência e de linearidade o fio do discurso, mas também como constitutiva desse. Avesa à vontade do sujeito, compondo-se no seu discurso a sua revelia, a memória discursiva produz uma tensão no fio do discurso que remete a outros lugares, a um exterior, a um memorial de sentidos e dizeres – o interdiscurso.

Bakhtin parece pensar a memória como consciência, como uma memória institucional, oficial. Pêcheux pensa a memória discursiva como podendo se manifestar no discurso, de forma mostrada, isto é, no intradiscurso, adquirindo, via dissimulação no interior de uma FD, uma característica de linearidade e de repetibilidade como se não houvesse uma exterioridade que lhe fosse constitutiva. A FD dissimula, na transparência dos sentidos, a sua dependência do interdiscurso (PÊCHEUX, 1988). Assim, o sujeito articula os pré-construídos, os “sempre-já-aí” que estão à disposição do sujeito na formulação do seu discurso. Mas toda retomada discursiva implica re-significação, podendo fazer desprender fragmentos outros que podem compor o mesmo de forma diferente, opacificando esse puro já-dito, ou seja, podem surgir no discurso como algo estranho, efeito de outros sentidos, de outros dizeres jamais ditos.

Isto é, podemos trabalhar a memória discursiva como efeito do interdiscurso, como constitutiva e o que se mostra é apenas um recorte do interdiscurso. Dessa forma, estamos reconstituindo fronteiras sempre móveis, redescobrimo resquícios que nem sempre podem ser recobertos ou iluminados pelos sentidos já postos. Como diz Pêcheux (1988), “o exterior determina a FD” (p. 173), isto é, na delimitação dos sentidos revelamos fronteiras ilusórias, mas necessárias para a constituição de uma totalidade. Os sujeitos assumem as memórias como sendo suas, originais, dando a ilusão de poder retornar, de evocá-las como sendo sempre a mesma tentando construir sempre a mesma história, mas essa pode mudar em cada momento. Para tanto, Pêcheux (1988) retoma as noções sobre o real, advindas da psicanálise, dizendo que se trata do impensado que determina as formas e conteúdos do pensamento. Podemos dizer que o interdiscurso não é um lugar de articulação, de retorno do pensamento sobre si mesmo, dizeres a serem recuperados. Quando estamos no âmbito do interdiscurso, estamos no campo também do irrecuperável, mas que precede e que constitui a asserção na atualidade. O sentido, enfatiza Pêcheux (1988), “não se engendra a si mesmo, mas se produz no *non-sens*” (p.263).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias elaboradas por Bakhtin produzem um profundo questionamento na concepção de língua, re-significam o lugar e o *status* do sujeito, resgatam a dimensão semântica, marcada pelos seus respectivos entendimentos de ideologia e memória. No entanto, é através dos deslocamentos teóricos efetuados por Pêcheux que nos permitem pensar a noção de memória discursiva. Ao mesmo tempo, essa noção ajuda a refletir e constituir, por sua vez, novos deslocamentos na teoria discursiva. Os teóricos estudados traçam caminhos paralelos que ora se aproximam ora imprimem direções diferentes, seja por estarem vinculados a condições de produção distintas, seja por adotarem, frente às noções apresentadas, posições muito diversas. Ler Bakhtin, a partir dos questionamentos do grupo de Pêcheux, pode conotar tons diversos ao entendimento teórico que o autor teve de noções hoje compartilhadas por ambas as teorias, mas que na sua essência são radicalmente diferentes. A leitura de Bakhtin ratifica pontos fundamentais na perspectiva discursiva, possibilita reflexões produtivas, mas temos que ter o cuidado de não justapor essas teorizações.

Pêcheux produz deslocamentos teóricos numa direção que Bakhtin não trilhou pois, ao estudar as concepções psicanalíticas e marxistas, Pêcheux formula uma teoria não-subjetiva da subjetividade. Isto é, uma teoria que descentra o indivíduo racional, pois esse é assujeitado, sobredeterminado, pelo inconsciente e pela ideologia. Na perspectiva de Pêcheux, o sujeito não é mais dono do seu discurso nem o articula à luz da sua razão. No percurso de suas proposições, Pêcheux concebe um sujeito dotado de uma relativa flexibilidade frente à trama discursiva que o constitui e enlaça. Mas fica longe do sujeito bakhtiniano que, via interação social, chega a uma tomada de consciência e de livre arbítrio. Embora Pêcheux tenha pensado inicialmente em um sujeito quase aprisionado numa determinada FD, pois queria transpor a ideia de um indivíduo que é o senhor triunfal e racional de sua vida, logo retoma algumas de suas posições e, como diz Orlandi (1992), repensa o sujeito não mais como uma máquina de reproduzir sentido, pois é intrínseco ao próprio processo discursivo haver espaços de interpretação. Entre o dito e o não dito, abrem-se, então, brechas, equívocos, deslocamentos, debates, articulações, vacilos do sujeito, possibilidades de análise e de questionamentos. Sem essa concepção de sujeito da AD, não poderíamos falar em memória discursiva, mas apenas em memória, pois o indivíduo plenamente consciente a dominaria a tal ponto de controlá-la e a transformá-la em um arquivo de dados a ser acessado.

Ao refletir sobre o sujeito, somos lançados a repensar a língua e os sentidos, a sua dimensão semântica e a memória. A memória não é mais apenas individual, ela se enlaça em

toda uma rede de formulações na qual o sujeito se filia e passa a ser, impulsionado por ela, não apenas reprodutor de fatos discursivos, mas quando lançado, na tensão do vivido, a interpretá-la. Pêcheux tem no discurso o seu foco, pois ele permite examinar a noção a noção bakhtiniana de dialogia no interior de um enunciado. Essa não depende mais do ato de produção de um sujeito empírico, por que o sujeito não denota mais uma unidade. O enunciado pode ser dividido, fragmentado, pois é composto por uma alteridade, de um exterior que lhe constitui, possibilitando, dessa forma, a heterogeneidade, estabelecendo interações e instaurando ressonâncias, fazendo ouvir divergências, constituindo uma interlocução discursiva, e soando, constitutivamente, o discurso-outro no discurso do sujeito (INDURSKY, 2000). Dito isso, podemos afirmar que é a partir da língua que chegamos ao discurso e é através do discurso que acessamos a memória discursiva, não contemplando, desse modo, apenas o fato passado e oficializado socialmente, mas as ressonâncias do discurso outro, dos outros sentidos construídos alhures e impensados.

Recebido em: setembro de 2017

Aprovado em: maio de 2018

jerto@unisc.br

[DOI: 10.26512/les.v19i1.10877](https://doi.org/10.26512/les.v19i1.10877)

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Posições I*. RJ: Edições Graal, 1978.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p.196.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.421.

_____. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 110.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 2002, p.439.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 4ª Ed. Campinas: Pontes, 1995.

BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

COURTINE, J. *Analyse du discours politique. Langages*, n. 61, 1981.

FERREIRA, M. C. L. (et al.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo*, V. I. Campinas: UNICAMP, 1993)

GADET, F. E., PÊCHEUX, M. (1981). *La lengua de nunca acabar*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 243.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F. e Campos, M. C. *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 70-81.

MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

NARZETTI, C. N. P. *O percurso das idéias do círculo de Bakhtin na análise de discurso francesa*. 2012. 262 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Linguística de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

ORLANDI, E. P. Texto e discurso. *Organon*, v. 9, n. 23, 1995, 109-116 p.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª Ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 150.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2ª. Ed., Campinas: Pontes, 1997, p 68.

_____. Análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ED. Campinas, 1997, p 311-319.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 22. Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.